

HPV se dissemina e vira a doença sexualmente transmissível mais freqüente do mundo

O HPV (papilomavírus humano) é hoje a doença sexualmente transmissível mais freqüente na população feminina brasileira, principalmente a jovem. Estima-se que no Brasil uma em cada quatro mulheres esteja infectada pelo vírus — responsável pelo aparecimento de verrugas e lesões nos órgãos genitais. Na faixa etária dos 20 aos 30 anos, a situação é ainda mais alarmante: quase uma em cada duas jovens tem o problema, sendo que a maioria até mesmo desconhece a existência do HPV e sua pior complicação — o câncer de colo de útero. No caso dos homens, não há estatísticas confiáveis pela falta do hábito de fazer o exame específico.

Por ser o grupo de maior risco, as jovens estão sendo alvo de uma grande pesquisa mundial, que inclui o Brasil, que pode levar a uma vacina contra o vírus. Quinze centros de estudos brasileiros estão recrutando mulheres entre 16 e 23 anos para participar dos testes. Se confirmada sua eficácia, a vacina poderá salvar milhares de vidas, já que no país, cerca de 4 mil mulheres morrem a cada ano em decorrência do câncer de colo de útero, segundo estimativas do Instituto Nacional do Câncer (Inca). "O HPV está presente em 99% dos casos desse tipo de câncer", diz o oncologista e pesquisador Ronaldo Costa, do Hospital do Câncer e do Instituto Brasileiro de Combate ao Câncer (IBCC).

O início precoce da atividade sexual, a troca excessiva de parceiros, a resistência ao uso da camisinha e a própria sensibilidade do sistema imunológico das jovens são alguns dos fatores que as tornam as principais vítimas da infecção. "Com o início da vida sexual, a jovem passa a se expor ao vírus, sem ter nenhum tipo de anticorpo contra o problema, o que não acontece com mulheres de maior experiência sexual", explica o ginecologista Fábio Laginha, médico responsável pelo setor de Oncologia Genital do Hospital Pérola Byington.

Estudo da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) mostrou que das 453 mulheres com infecção pelo vírus, 61,1% tinham menos de 30 anos e 24,2%, menos de 20 anos. Em sua última consulta ao ginecologista, a publicitária Cristiane Gomes, de 25 anos, fez o exame preventivo de rotina. Ao receber o resultado, levou um susto: tinha infecção por HPV. "Muita gente leva susto no consultório quando descobre o problema", comenta Costa.

Segundo os médicos, há mais de 100 tipos de papilomavírus humano, sendo que um terço deles atinge a região genital. A infecção está dividida em duas categorias: baixo risco e alto risco, dependendo do tipo de vírus. O HPV de baixo risco (os tipos 6, 11, 40,

[Clínica de Urologia Dr. Charles Rosenblatt](#)

Av. Albert Einstein 627, 12. andar, sala 1204-b, São Paulo – SP. Tel.:(11) 3747-3204

42 e 43) geralmente se manifesta na forma de verrugas, que se desenvolvem principalmente na vulva, na vagina, no ânus e no pênis.

"Esses casos são mais simples e não evoluem para lesões pré-malignas ou malignas", ressalta o ginecologista Edison Fedrizzi, professor da Universidade Federal de Santa Catarina. "Muitas vezes, o vírus não se manifesta ou até mesmo regride naturalmente, já que, em alguns casos, o próprio sistema imunológico combate de maneira eficiente a infecção", completa. Vale lembrar que qualquer pessoa infectada produz anticorpos contra o vírus, mas nem sempre na quantidade e eficiência suficientes para acabar com o problema.

Vírus causa vários tipos de câncer

Os pacientes infectados pelos subtipos de alto risco (16, 18, 31, 33, 45, 51 e 59) ou oncogênicos do HPV precisam estar atentos. Cerca de 15% dos casos de câncer de vulva, vagina, pênis e ânus estão relacionados ao vírus, sem contar o câncer de colo de útero, a maior preocupação dos médicos. "Em praticamente todos os casos de câncer de colo de útero, o HPV está presente", lembra o ginecologista Rosires Pereira de Andrade, do Centro de Reprodução Humana e Fertilização Assistida (Cerhfac), de Curitiba. Só no Brasil, esse tumor atinge 17 mil mulheres por ano.

Apesar desses dados assustadores, o HPV oncogênico precisa de anos para causar uma infecção maligna. Menos de 1% das infectadas desenvolve o tumor de colo de útero só pelo fato de o vírus estar presente. Há uma série de fatores que aumenta a possibilidade de a infecção se tornar câncer. Entre eles, baixa imunidade, tabagismo, outras doenças sexualmente transmissíveis, alterações hormonais, propensão genética, tipo do vírus e carga viral.

Como são os mais freqüentes na população brasileira e talvez mundial, os subtipos 6 e 11 (baixo risco e responsáveis por 90% das verrugas genitais) e 16 e 18 (alto risco, responsáveis por 70% das infecções pré-malignas e malignas) foram os escolhidos para compor a vacina (em fase de testes).

Enquanto a prevenção ou a cura não chegam, os pesquisadores se desdobram para conhecer melhor o comportamento do vírus. Nos últimos anos, eles perceberam que o HPV pode se apresentar de forma clínica (com lesões visíveis a olho nu, como as verrugas), subclínica (diagnosticado com o auxílio de exames como o Papanicolaou — raspagem da mucosa vaginal e do colo do útero, a colposcopia — exame do colo do útero — e a peniscopia — exame do pênis) e técnicas da biologia molecular.

Segundo o ginecologista Fábio Laginha, a maioria dos casos se manifesta na forma subclínica e latente. "A principal forma de infecção é o contato sexual. Por isso, as

[Clinica de Urologia Dr. Charles Rosenblatt](#)

Av. Albert Einstein 627, 12. andar, sala 1204-b, São Paulo – SP. Tel.:(11) 3747-3204

peessoas precisam usar camisinha. O tempo de início da contaminação ao aparecimento das lesões varia de um a oito meses. Mas, muitos portadores não apresentam lesões", diz.

Embora o vírus afete homens e mulheres na mesma proporção, eles levam vantagem porque são mais resistentes ao vírus. Segundo o ginecologista Edison Fedrizzi, o epitélio que recobre o pênis é formado por células muito mais resistentes do que o epitélio do colo do útero, que tem células mais frágeis. "O colo é mais propenso a microtraumas, que facilitam a entrada do vírus, do que o pênis", conta o médico.

Além disso, a vagina é um ambiente propício para a disseminação de qualquer microorganismo, pois é quente e úmida. Resultado: é muito mais raro o homem desenvolver um tumor a partir do HPV. Segundo o urologista Charles Rosenblatt, do Hospital Albert Einstein e São Luís, o papilomavírus é a segunda causa de câncer de pênis, um tumor ainda pouco freqüente no Brasil.

Mas, isso não isenta os homens do diagnóstico precoce e do tratamento. Para as mulheres, a descoberta do vírus pode começar num simples exame clínico ou no preventivo Papanicolaou. "Se o resultado desse teste mostrar alguma alteração, solicitamos uma colposcopia e, se necessário, uma biópsia. Juntos, eles indicam o causador dessa infecção", explica Fedrizzi. "Caso seja o HPV, antes de determinarmos o tratamento, pedimos mais um exame, a captura híbrida, que nos dá o grupo e a carga viral", completa o oncologista Ronaldo Costa. Para os homens, a peniscopia é a melhor forma de diagnosticar a infecção.

A ginecologista Maria José de Camargo, do Instituto Fernandes Figueira, da Fiocruz, diz que o risco de infecção por HPV é semelhante para homens e mulheres. "Na maioria dos casos, quando um parceiro está contaminado, o outro também está", ressalta.

O exame de Papanicolaou deve ser realizado anualmente ou a cada três anos, dependendo da avaliação do médico. "Se a mulher tem apenas o vírus e não apresenta alterações nas células do colo do útero, não há o que fazer. Basta o acompanhamento médico de rotina", conclui.

REVISTA ÉPOCA

Dr.Charles Rosenblatt, médico urologista do Hospital Albert Einstein, especialista em reposição hormonal masculina e DAEM (antigamente chamada de Andropausa).

[Clínica de Urologia Dr. Charles Rosenblatt](#)

Av. Albert Einstein 627, 12. andar, sala 1204-b, São Paulo – SP. Tel.:(11) 3747-3204